

LINGUASAGEM

A ÍNTIMA DESORDEM DO PRAZER E DO DESEJO NO TURISMO

Abner Nodari¹
Luciene Jung de Campos²
Maicon Gularte Moreira³

RESUMO

O que move este ensaio é o mal-estar frente ao modo como os conceitos de *prazer* e *desejo* são usados no campo teórico do Turismo. A partir de uma revisão bibliográfica psicanalítica, faz-se a análise de um recorte dos trabalhos publicados até agosto de 2019 na base de dados da *Universidade de São Paulo*, em campo ibero-americano. A análise é realizada tendo como guia-teórico o conto *Amor*, de Clarice Lispector. O texto literário produzirá duas fórmulas conceituais: *íntima desordem* e *fio partido* para a discussão dos conceitos em questão. Aqui, Clarice não será tomada apenas como escritora mas fundamentalmente como teórica, isto é, como produtora de conceitos. A junção entre a Psicanálise e a Literatura procura reparar a dignidade conceitual de *prazer* e *desejo*, muitas vezes negligenciada nos trabalhos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Turismo; Desejo; Prazer; Literatura.

ABSTRACT

What moves this essay is the unease about the way the concepts of *pleasure* and *desire* are used in the theoretical field of Tourism. From a psychoanalytic bibliographical review, we analyze a selection of the works published until August 2019 in the database of the *University of São Paulo*, in the Ibero-American field. The analysis is carried out with the theoretical guide of the short story *Amor*, by Clarice Lispector. The literary text will produce two conceptual formulas: *intimate disorder* and *broken thread* for the discussion of the concepts in question. Here, Clarice will not only be taken as a writer but fundamentally as a theorist, that is, as a concept producer. The junction between Psychoanalysis and Literature seeks to repair the conceptual dignity of *pleasure* and *desire*, often neglected in academic works.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Tourism; Desire; Pleasure ; Literature.

¹ Psicanalista, membro provisório do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), mestrando em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLET/UFRGS). Membro do Grupo de Pesquisa *ADESLOUCAR-SE!*, coletivo de trabalho em Análise do Discurso pecheutiana. E-mail: anodari@ucs.br.

² Psicanalista, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PPGLET/UFRGS. Doutora em Estudos da Linguagem, do Texto e do Discurso (UFRGS). Líder do Coletivo de pesquisa *ADESLOUCAR-SE!*, com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso pecheutiana. E-mail: ljungdecampos@gmail.com.

³ Professor Substituto do Centro de Ciências Socio-Organizacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), doutor em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestre em Turismo e Hospitalidade pela UCS. Membro do Grupo de Pesquisa *ADESLOUCAR-SE!*, coletivo de trabalho em Análise do Discurso pecheutiana. E-mail: maicongmoreira@gmail.com.

Ana sobe no bonde

Até o século XIX, acreditava-se que o desejo e o prazer estavam atrelados à transgressão moral. Na Idade Média, o corpo era visto como objeto por onde a derivação sensível poderia ser pensada e, a partir disso, interdita. Tomado como oposto à alma (e tendo ela uma proximidade com o divino), a relação do corpo com a natureza estabelecia uma função explicativa. Para pensar os olhos e a visão, recorria-se ao elemento fogo. Se o objeto fosse o corpo, a descrição deveria ser encontrada na terra. Se fosse o caso de explicar as palavras e a voz, a origem deveria ser investigada com ainda mais dureza, atendo-se ao ar e aos elementos etéreos. Todos esses destinos são relatados por San Bernardo de Claraval⁴ (1983-90) em livro canônico, dando ao capítulo final um título que não deixa de ser intrigante: *A terceira série das sentenças*. Existiria aí algo de sentencial, de determinante na busca pelo prazer. Daí, o autor declarar que “os quatro delitos do corpo são: a curiosidade, a loquacidade, a crueldade e o prazer” (Claraval, 1983-90, p. 16) Daí, Levý-Strauss (1950, p. 112) afirmar que “a renúncia ao prazer e a luta contra as tentações na Idade Média” foram os únicos “instrumentos de restauração da liberdade espiritual e do retorno a Deus”. Daí, Jacques Le Goff e Nicolas Troung (2003, p. 61) trazerem o período medieval como “a época da grande renúncia ao corpo”. À luz desses autores, percebe-se que cabia ao corpo hospedar: para os antigos, se ele não hospedasse, ou seja, se não servisse como receptáculo do espírito do homem, este adoecia e todo o organismo entrava em colapso. Sintomático que, no período de maior fomentação bíblica na história (isto é, a Idade Média), o adoecimento do corpo era visto como aquilo que indicava ao doente o valor do sofrimento e da paciência silenciosa, enquanto formas de medicamento do espírito. É para este entendimento que aponta o preceito bíblico *Christus medicus*, em que o sofrimento, ou seja, o adoecimento do corpo em consequência do prazer – da busca pelo prazer – era tomado como forma de purificação espiritual.

Talvez venha dessa intersecção a cresça corrente, até a intervenção psicanalítica, de que o prazer e o desejo estariam relacionados com a transgressão. Curiosamente, a noção do corpo como campo de atuação de algo desvairado marcou as primeiras reflexões sobre a psiquiatria e as artes, arvorando para as contribuições do período pré-

⁴ São Bernardo de Claraval (1090–1153) foi um monge cisterciense francês, teólogo e místico, conhecido por sua influência na expansão da Ordem de Cister. Os seus escritos espirituais sobre o amor divino e sua participação ativa em questões religiosas e políticas da Igreja Católica na Idade Média tornaram-no uma fonte importante de consulta, incluindo a pregação da Segunda Cruzada durante o período medieval.

psicanalítico. Entre os centenários que separam a intervenção psicanalítica e a atuação da força católica institucional na Idade Média, o corpo permaneceu como um *conceito em disputa*, metonimizando o significado de acordo com as condições de produção políticas e linguísticas de cada época. A este ensaio, no entanto, escolhe-se este recorte como contraposição intensional: somente nove séculos depois da era medieval, em 1911, o prazer e o desejo deixariam de ser vistos como um movimento maligno atrelado à perversidade para tornarem-se não só conceitos, como também a tendência ao funcionamento do psíquico compreendido por uma técnica: a psicanálise.

Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), Sigmund Freud escreve:

É fácil distinguir a tendência principal a que estes processos primários obedecem; ela é designada como princípio do prazer- desprazer (ou, mais sinteticamente, princípio do prazer). Tais processos se empenham em ganhar prazer; daqueles atos que podem suscitar desprazer a atividade psíquica se retira (repressão) (Freud, 1911, p. 111).

A busca pelo prazer sugere um primeiro movimento de encontro com a satisfação primária, a partir de um primeiro movimento de fuga do desprazer. No decorrer da história da psicanálise, o conceito vai sendo construído a partir de relações estabelecidas com a funcionalidade clínica e, novamente, com a arte, sendo essa o instrumento que não só antecipa, como alça o psicanalista à posição de compositor, sempre recorrendo à síncope criativa para dar suplência aos termos técnicos. Nisso, lembra-nos Antonio Godino Cabas (2009, p. 38) que “a história da obra freudiana é a história de um esforço por extrair do solo da experiência uma definição do desejo”, esforço, aliás, que segundo a crítica, poderia ser estendido aos psicanalistas em geral, sempre beirando o engendramento de sua técnica. É justamente nesta posição que atua, mais explicitamente que Freud, Jacques Lacan: autor francês que estabelece com os conceitos o maior estatuto linguístico possível, tomando-os como habilidades primárias de qualquer sujeito (Lacan, 1953) e, indo além disso, como as funções psíquicas que o definem (Lacan, 1960). O francês define-o como sendo sempre uma operação deslocada. Dito melhormente: Lacan define conceitualmente o desejo como o desejo do desejo do Outro (ou, sinteticamente, outro-do-Outro). No seminário livro 6, *O desejo e sua interpretação*, coloca-o diretamente: “o desejo, no fundo, é o desejo do Outro” (Lacan, 1958, p. 668) quando, cinco livros mais tarde, no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*, reposiciona-o de forma ainda mais claramente linguística: “O desejo é a metonímia da falta ser” (Lacan,

1964, p. 223). Como se vê, o caminho para a consagração do prazer e do desejo como conceitos são vias tão investigadas que pouco importa para esta discussão se elas advêm da matriz freudiana ou lacaniana. O princípio conceitual – o princípio que alça as palavras ao estatuto de conceitos – torna-se, em pouco tempo, o lugar comum das ciências humanas.

A palavra na arte e a palavra na teoria

Transcorre, desde o fim da era medieval, a conservação da palavra como movimento ético em que o valor do discurso alcança seu peso máximo, além de tornar-se a única via de acesso ao outro, à diferença. Há algo aqui, da posição de sujeito discursivo, que afirmava Lacan que encontra ressonância na preposição de Barthes (1973, p. 29, tradução nossa⁵) em um de seus seminários:

o que ela procura [a escritura], são os incidentes pulsionais, a linguagem atapetada de pele, um texto onde se possa ouvir o grão da garganta, a pátina das consoantes, a voluptuosidade das vogais, toda uma estereofonia da carne profunda: a articulação do corpo, da língua, não a do sentido, da linguagem.

Propomos, portanto, sustentar a posição de defesa dos conceitos *prazer e desejo*, analisando o uso dado a eles pela epistemologia do Turismo em um recorte realizado até agosto de 2019 na base de dados da *Universidade de São Paulo*. Nessa seleção, obtivemos dez artigos escritos em campo ibero-americano que interseccionavam os conceitos nos títulos ou nas palavras-chave. Neste ensaio, serão apresentados somente dois entre os dez: *Estímulos influenciadores do prazer e do relaxamento: o contexto do SPA em hotel termal em Portugal* de Almeida, M. M. C. e Loureiro, S. M. C. (2012) e *Ecoturismo: Discurso, Desejo e Realidade*, com a autoria de Mendonça, R. e Neima, Z. (2000).

Íntima Desordem

Escritora-filósofa, Clarice Lispector foi quem, em textos que vão de 1960 a 1977, retomou com brilhantismo a defesa pela palavra com significação máxima. Nesse sentido,

⁵ No original : “ [...] ce qu'elle cherche, sont les incidents pulsionnels, le langage tapissier de peau, un texte où on peut entendre le grain de la gorge, la patte des consonnes, la volupté des voyelles, toute une stéréophonie de la chair profonde : l'articulation du corps, de la langue, non du sens, du langage” (Barthes, 1973, p. 29).

na obra clariciana, a formação de expressões conceituais antagônicas (muitas delas recordando o conceito freudiano prazer-desprazer) é vista não somente como um traço, mas também como uma habilidade filosófica. Assim, Clarice será tratada não apenas como escritora, mas fundamentalmente como pensadora, isto é, como formadora de conceitos. Afirmava o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2015, p. 26):

[Clarice] é a grande pensadora dos devires de nossa literatura – e de nossa filosofia: Oswald, Rosa e Clarice são os maiores pensadores brasileiros do século XX, no sentido de serem os autores que deram a maior contribuição filosófica ao pensamento ‘ocidental’ oriundo de nosso país.

Vinte anos antes dele, observava Eduardo Prado Coelho (1995, p. 54, grifo nosso): “Clarice Lispector é a mais *deleuziana* das escritoras”. Por esses motivos, apropriamos aqui de determinados fragmentos do conto *Amor*, publicado em *Laços de Família* (1960), como guias teóricos do percurso proposto, extraindo dele *duas* fórmulas conceituais essenciais: *íntima desordem* e *fio partido*.

Em *Amor*, Clarice Lispector escreve: “Com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a *íntima desordem*. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa: a vida podia ser feita pela mão do homem” (Lispector, 1960, p. 146). No conto, o narrador põe em cena a história de Ana, dona de casa que está num bonde, com as compras no colo, retornando para casa. De princípio, a história não passa ao largo de um desvairo, de uma transe que inicia o drama: Ana vê um cego mascando chicle no ponto de ônibus e, com a banalidade do acontecimento, todas as certezas se esvaem. O narrador estabelece algo que é cifrado como *íntima desordem*, uma espécie de perder-se radicalmente frente ao desconhecido, mas com familiaridade, com a menor quantidade de estranheza possível. É justamente de uma desordenada intimidade que Almeida M. M. C. e Loureiro S. M. C. (2012) falam em seu artigo, ou melhor, tentam anunciar.

O primeiro objeto de análise é encontrado em *Estímulos influenciadores do prazer e do relaxamento: o contexto do SPA em hotel termal em Portugal*, quando lê-se que “o ambiente contribui para explicar o relaxamento em 11,2% e para explicar o prazer em 13,5%” (Almeida; Loureiro, 2012 p. 10). Acha-se em jogo, aqui, uma tentativa de quantificar propriedades não objetivas, transformando em número o plástico e impalpável conceito do prazer. Essa desordem íntima frente à inquantificação do prazer tenta estabelecer linhas retas lá onde a psicanálise propõe aquarelas. Determinar quanto de

prazer existe, qual a molécula primeira, medi-lo, contê-lo e grafá-lo apazigua a angústia frente ao desconhecido e polimorfo que habita o sujeito, ao mesmo tempo que viola a palavra de sua dignidade conceitual. No texto de Almeida, M. M. C. e Loureiro S. M. C. (2012), prazer é nada mais que um substituto de satisfação, de bem estar. A personagem Ana tem com a síncope no bonde uma estratégia parecida àquela adotada pelas autoras: frente à desorganização da vida, ela foge ao Jardim Botânico, parque carioca. A fuga, linguística ou geográfica, tende a ser a resposta para a complexidade levantada pela psicanálise. Entretanto, no conto ela abre espaços para novos caminhos narrativos, pois, ainda, “a vida podia ser feita pela mão do homem” (Lispector, 1960, p. 146).

Em pelo menos dois trechos de *Ecoturismo: Discurso, Desejo e Realidade*, Mendonça, R. e Neiman, Z. (2000), o confronto com a desordem na intimidade pode ser percebido de maneira semelhante, mas, desta vez, referindo-se ao *desejo*. Na página 109, está o segundo objeto de análise, em que as autoras afirmam que “[...] para preservarmos temos que ter com a natureza uma relação afetiva, de amor, que gera o desejo de que ela continue existindo. O amor é o que dá um sentido maior às coisas”. Aqui, como no artigo de Almeida, M. M. C. e Loureiro S. M. C. (2012), vale ressaltar que a mesma tentativa encontra-se em andamento: a busca por uma forma simplificada da linguagem – neste caso, do *desejo* – onde esse deixa de apresentar-se como conceito e passa a ser compreendido como *vontade de*. Ter amor pela natureza, escrevem elas, levaria à *vontade* de sua continuação e, por conseguinte, sua preservação. Não sem coincidência, o título dado ao conto catártico de Clarice também obedece ao mesmo vocábulo: a palavra *amor* encontra mais de uma forma imaginária de se inscrever, sendo uma a que recusa à obediência cotidiana e, neste caso, é apresentada de uma forma original e instauradora de afetos (na posição clariciana), e a outra a que segue o emagrecimento de sentido dado aos termos *prazer* e *desejo*. Não que a palavra amor seja, em algum recorte, considerada um conceito operacional — à psicanálise, certamente, não o é — mas, ainda assim, quando tomada de modo contrário ao imaginário, produz efeitos inaugurais, fazendo o leitor satisfeito de si pagar com o desespero, como diria Bandeira (1993).

Em outro trecho, as autoras observam: “[...] não sabemos recriar a natureza e daí o desejo de zelar, de proteger. Nenhum animal ou planta, de fato, está pensando em recriar ou em destruir” (Mendonça; Neiman, 2000 p. 109). Outra vez, *desejo* é tomado como sinônimo de *vontade*, ímpeto de realizar, distanciando-se cada vez mais do estatuto lançado pela psicanálise e, vale lembrar, sendo destituído de seu percurso histórico de

construção de sentido, em sua relação com o corpo e com a ordem política, como nos lembram os historiadores Jacques Le Goff e Nicolas Troung (2003).

Há, em ambos os trabalhos analisados, a tentativa de apaziguar a angústia liberada pela linguagem de que nos lembra o narrador de *Amor*. No conto, continua-se:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro (Lispector, 1960, p. 149)

É desta “serena compreensão”, deste ímpeto de segurança de que falava Barthes (1977, p. 78, tradução nossa⁶), ou melhor, afirmava, quando propunha que “infelizmente a linguagem humana não possui um exterior: é um lugar hermético.” Além dele, Lacan (1971, p. 116) observava, próximo à percepção barthesiana, o que mais tarde viria a ser uma de suas maiores contribuições à obra psicanalítica, pontuando que “[...] ainda que isso já esteja em Freud, patente, pois o que quer que ele demonstre do inconsciente nunca é senão material de linguagem –, o que acrescento é isto: que o inconsciente se estrutura como uma linguagem”.

Essa forma mais aproximada de relação com a língua e seus efeitos subjetivos pode ser observada em um artista brasileiro mais contemporâneo. Em *Brasil diarreia*, Hélio Oiticica (1973) relata a percepção influente que a linguagem tem na construção de um novo movimento estético, o modernismo. Diz o artista:

O destino de *Modernidade* do Brasil pede a criação desta linguagem, as relações, deglutinações, toda a fenomenologia desse processo (com, inclusive, as outras linguagens internacionais), pede e exige (sob pena de consumir-se em um academicismo conservador, não o faça) essa linguagem: o conceitual deveria submeter-se ao fenômeno vivo [...] (Oiticica, 1973, p. 98).

Confrontar-se com o escrito, na arte ou na ciência, é estar diante daquilo que se aproxima da vida com a maior fineza possível, no sentido de fazer-se miúdo, pequeno, para poder encaixar nos cantos oblíquos da realidade. Daí, a deglutinação de que fala Oiticica fundir-se à ausência de exterioridade da língua que propunha Barthes. Daí, o inconsciente linguístico lacaniano surgir como expansão teórica. Daí, o narrador de *Amor*

⁶ No original: “compréhension sereine” (Barthes, 1977, p. 78).

propor que houvesse uma *íntima desordem* de Ana frente à vida banal. Como se vê, a palavra torna-se em comum acordo (tanto europeu quanto latino-americano), um meio de acesso ao que de mais simbólico habita a produção humana e vale, sempre, ter sua definição visitada com mais cuidado.

Fio partido

A desorganização provocada pelo desvio da linguagem não perturba apenas a psicanálise ou a arte, mas também a formação do pensamento em geral. A história de Ana prossegue e, em determinada parte, o narrador relata: “A rede perdera o sentido e estar num bonde era um *fio partido*; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito.” (Lispector, 1960, p. 148, grifos nossos). Esse rompimento que Clarice traz no conto não é necessariamente o dos fios de tecido que compõem um saco, mas toda uma rede simbólica que se encontra violada, arrebitada, a partir de um ato simples – um cego mascando chicle, um conceito desviado. Qual “mal se faz” quando o *prazer* e o *desejo* são estratificados e usados como sinônimos? Qual o fio de sentido – que costumava apaziguar – se rompe quando propomos a profundidade de sentido? Se, depois da partição, “o mundo recomeçava ao redor”, talvez possamos esboçar alguns deslocamentos para os conceitos onde o começar novamente indique uma saída possível.

Esse impulso que rompe, que separa da linguagem o seu sentido conceitual, não impede somente as ciências humanas, mas também – e, talvez fundamentalmente – as sociais, uma vez que o que ocorre *entre* os humanos é sempre linguístico (Saussure, 1916). Todo produto de articulação da língua pode ampliar as redes de significação e, com isso, contribuir para a construção de uma ciência mais conexa. Lembremos, a partir disso, do aviso barthesiano de que não há nada do lado de fora da linguagem. De uma perspectiva complementar, ainda anuncia Clarice (1968, p. 104) que a palavra é seu “domínio sobre o mundo”. Ter contato com a realidade só ocorre, portanto, na forma de discurso. Notemos que, especialmente no Turismo, o reconhecimento de *prazer* e *desejo* enquanto conceitos, inclusive, levam a uma nova aproximação do que pode ser compreendido como a ciência do Turismo, uma vez que dilatam o material de estudo e implicação de toda a ciência social: o sujeito. Individualizado ou posto em relação, o sujeito é o lugar onde a psicanálise se debruça há mais de um século, contribuindo com ideias fundamentais para se pensar o humano. Em correlato, recorda-nos novamente

Godino Cabas (2009, p. 35) quando propõe que “o desejo freudiano é um dos nomes do sujeito” e, alastrando a percepção do psicanalista, poderíamos inferir que, para o *prazer*, a nomeação seria a mesma, pois ambos os conceitos são as vias de acesso e de acontecimento da subjetividade. *Prazer e desejo* são os nomes do sujeito.

Mario Carlos Beni e Marutscka Moesch perguntam-se, em *Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo* (2016), sobre o quê, afinal, pode ser apreendida como a posição do Turismo como epistemologia. Pontuam os autores:

Turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento enquanto função de sistema económico. Como um processo singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como patrimonialização cultural (Beni; Moesch, 2016, p. 16).

Assim como algo processual, o Turismo é, para Beni e Moesch, algo que “necessita de ressignificações às relações impositivas”, dito de outro modo, que reage como sistema vivo às novas interpelações de conhecimentos vizinhos, que precisa aproximar-se de outros saberes e formar com ele maneiras de contenção aos “códigos capitalísticos”. É justamente neste local que a psicanálise se insere, melhor dizendo, que o *prazer* e o *desejo* aparecem como conceitos psicanalíticos que ampliam e complexificam a posição do Turismo frente ao sujeito. Acrescentamos, a partir da construção que estamos fazendo, que anterior à qualidade de visitante, o turista é alguém atravessado pelo que diz, subjetivado por suas formas de apreensão do mundo e, evidentemente, desejante. Essa condição de agente é o princípio básico do psiquismo, como nos lembra Freud (1911, p. 119) ainda em *Formulações sobre os dois princípios básicos do funcionamento psíquico*:

8. A mais surpreendente característica dos processos inconscientes (reprimidos) [...] consiste em que neles a prova da realidade não conta, a realidade do pensamento é equiparada à realidade externa, o desejo à sua realização, ao acontecimento, tal como sucede naturalmente sob o domínio do velho princípio do prazer.

Não podemos perder de vista que a tendência natural do psíquico é a recusa da realidade, o que põe em voga o aviso freudiano de que “o desejo [é equiparado] à sua realização”. Isso significa, em termos práticos, que quando nos defrontamos com uma mudança que gera desprazer, tendemos à recusa, à reprimi-la. Assim como em *Estímulos*

influenciadores do prazer e do relaxamento: o contexto do SPA em hotel termal em Portugal (2012), o que se propunha era a análise do *prazer*, acaba-se encontrando, como produto dessa investigação, um sinônimo para *contentamento e agradabilidade*. De outro modo, em *Ecoturismo: Discurso, Desejo e Realidade* (2000), a palavra *desejo* está extraída de sua força conceitual, significando *vontade*. Como se vê, a recusa à realização de que falava Freud acontece sempre em discurso, na palavra posta em movimento, na escrita e de modo quase sempre desavisado.

Na conclusão do conto, o narrador de *Amor* alça a uma imagem importante: “E se atravessara o amor e seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia” (Lispector, 1960, p. 155). A defesa que a Psicanálise faz sob o Turismo de que tanto o *prazer* quanto o *desejo* devam ser tratados como conceitos relacionais não o reduz enquanto ciência, mas o alarga pluridimensionalmente. Trata-se, em última instância, de garantir o estatuto simbólico das palavras, deixando o sentido escapar para a porção da língua que habita para além da comunicação, do alcance do outro como unidade compreensível. O ímpeto a soprar “a pequena flama do dia” ao qual Clarice se refere, traz a mesma tendência científica de apaziguar posições potentes do conhecimento justamente porque elas fogem ao controle da razão e da consciência. Se o uso desviado dos conceitos aparece com insistência nas ciências sociais, cabe ao pesquisador humano, hoje, este alerta. Este é o caminho próximo à palavra que protege a diminuição do sentido, para não ficarmos, como a Ana clariciana, “sem nenhum mundo no coração”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. M. C.; LOUREIRO, S. M. C. Estímulos influenciadores do prazer e do relaxamento: o contexto do SPA em hotel termal em Portugal. **RT&D: Revista Turismo & Desenvolvimento**, n 17/18, p. 1481-1493, 2012.
- BANDEIRA, M. **A estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARTHES, R. **Le plaisir du texte**. Paris: Éditions du Seuil, 1973.
- BARTHES, R. **Roland Barthes par Roland Barthes**. Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- BENI, M.C.; Moesch, M. M. Do discurso da ciência do turismo para a ciência do turismo. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, ISSN 1645-9261, n. 25, p. 9-30, 2016.

CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

CASTRO, E. V. **A força de um inferno: Rosa e Clarice nas paragens da diferOnça.** Conferência ministrada no IEL-Unicamp, 2013.

CLARAVAL, B. Apologia. *In: Los monjes cistercienses de España (org.). **Obras Completas de San Bernardo**, v. 01. Madrid: BAC, 1983-1990.*

COELHO, E. P. Deleuze, uma vida pública. *In: **Público***, conferência ministrada no IEL-Unicamp, 1995.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. *In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”)**, artigos sobre a técnica e outros textos. 1ª edição. Obras Completas, vol. X. Trad. Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2019, p. 119.*

LACAN, J. O seminário, livro 6: **o desejo e sua interpretação**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Vera Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LACAN, J. O seminário, livro 7: **a ética da psicanálise**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Antônio Quinet. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. O seminário, livro 11: **os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Vera Ribeiro 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LACAN, J. **Le séminaire: livre XVIII: d’un discours qui ne serait pas du semblant.** Paris: Seuil, 2006.

LE GOFF, J.; TROUNG, N. **Uma história do corpo na idade média.** Trad. Marcos Flamínio Peres. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEVÝ-STRAUSS, C. Introduction à l'oeuvre de Mareei Mauss. *In : LEVÝ-STRAUSS, C. **Mareei Mauss, Sociologie et anthropologie***, Paris : PUF, 1950.

LISPECTOR, C. Amor. *In: LISPECTOR, C. **Laços de família: amor.** 24ª edição; Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983, pp. 29-43.*

LISPECTOR, C. As três experiências. *In: LISPECTOR, C. **Todas as crônicas: as três experiências.** 1ª edição; Rio de Janeiro: Rocco, 2018, pp. 104-106.*

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. Ecoturismo: Discurso, Desejo e Realidade. **Turismo em Análise**, São Paulo, 11 (2): 98-110, nov, 2000.

OITICICA, H. Brasil diarreira. *In*: OITICICA, H. **A arte brasileira hoje**: Brasil diarreira. Ferreira Gullart (org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973, pp. 147- 149.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris : Éditions Payot, 1972.

Como referenciar este artigo:

NODARI, Abner; CAMPOS, Luciana Jung de; MOREIRA, Maicon Gularte. A íntima desordem do *prazer* e do *desejo* no Turismo. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 313-324, 2025.

Submetido em: 26/02/2023

Aprovado em: 02/12/2024